

Heliana Kátia Tavares Campos

Criança no lixo nunca mais

As sociedades industriais contemporâneas têm como pressuposto a colocação de produtos no mercado cuja obsolescência é atingida em tempos cada vez mais curtos. Os avanços tecnológicos incorporados aos novos modelos são vendidos utilizando-se uma estrutura globalizada de marketing que tende a transformar supérfluos em necessidades básicas do consumidor.

As embalagens necessárias à proteção de produtos, que se movimentam em rotas intercontinentais, são necessariamente robustas e volumosas, também porque se constituem em motivação de compra para consumidores que, por sua vez, se transformam em grandes geradores de lixo. O resultado é conhecido: o volume de lixo per capita cresceu de modo significativo nas últimas décadas. Atualmente são geradas cerca de 240 mil toneladas de lixo por dia no Brasil. Desse total, 100 mil toneladas correspondem

ao lixo domiciliar, apenas parcialmente coletado (70%), e em geral depositado a céu aberto, em cursos d'água e em áreas conhecidas como lixões que, além de poluir o ambiente, atraem para si a degradação social.

A outra face da moeda é mais perversa. A competitividade no mercado global se faz possível mediante a redução de custo dos produtos, obtida com salários aviltantes, em modelos que geram crescente desemprego. Parte dessa massa de desempregados e desamparados, sem moradia, busca as áreas ambientalmente degradadas para se fixar e os lixões surgem como único meio de encontrar alimentos para a sobrevivência e resíduos

recicláveis para a comercialização. A degradação humana torna-se uma realidade nestas situações e a cidadania inexiste em todos os sentidos.

Mais de 50.000 crianças em todo o Brasil sobrevivem da catação de lixo e cerca de 30% delas se encontram sem escola. São expostas desde os primeiros dias de vida aos perigos decorrentes do movimento de caminhões e máquinas, ao fogo, aos objetos cortantes e aos alimentos contaminados. Vivem em barracas improvisadas de madeira, papelão e latas, construídas na maioria das vezes sobre os lixões. Essas crianças e adolescen-

tes estão sujeitas a problemas sociais, entre eles, a gravidez precoce, o abuso sexual e o uso de drogas. Tudo isso num país com a 10ª economia mundial.

Para erradicar a dramática situação das crianças e adolescentes catadores de lixo, propiciando sua inclusão social com cidadania, capaci-

tar os atuais catadores para a participação em programas de coleta seletiva nas cidades e mudar radicalmente a forma adotada para a destinação do lixo no Brasil, foi constituído o *Fórum Nacional Lixo e Cidadania*, composto por 32 instituições representativas da sociedade.

São *organizações não governamentais* – Compromisso Empresarial para a Reciclagem (CEMPRE), Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (ABES), Associação Nacional dos Serviços Municipais de Saneamento (ASSEMAE), Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) –, *religiosas* – Pastoral da Cri-

A existência
de uma multidão
de meninos buscando
a sobrevivência
no lixo constitui
mau presságio.

ança –, *financeiras* – Caixa Econômica Federal (CEF), Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES) –, *governamentais* – Secretaria de Desenvolvimento Urbano (SEDU/PR), Ministério do Meio Ambiente (MMA), Ministério Público Federal (MPF) – e *internacionais* – Organização Panamericana de Saúde (OPAS), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), entre outras.

O objetivo do fórum consiste em articular as instituições voltadas à problemática da gestão dos resíduos sólidos, com ênfase nas questões sociais, sobretudo nas crianças que hoje sobrevivem no e do lixo, integrando as ações desenvolvidas e maximizando os impactos gerados de modo a garantir a sustentabilidade dos programas.

É importante expor a ferida e ao mesmo tempo mostrar que há solução. A proposta é enfrentar o problema pela raiz e mudar de vez a situação sócio-ambiental dos lixões brasileiros, somando os esforços de todos.

Com o recente lançamento da campanha *Criança no Lixo Nunca Mais* todos os prefeitos brasileiros receberam um folder explicativo sobre as atividades do projeto e um convite para assinar o termo de intenção, além de um questionário com 11 perguntas sobre a situação sócio/econômica/ambiental da limpeza urbana no município. Aos prefeitos que se interessarem estão sendo coloca-

dos à disposição manuais que abordam o tema da construção coletiva do projeto em nível municipal, modelos participativos de coleta seletiva de lixo, capacitação do catador, aspectos legais e fontes de financiamento, enviados gratuitamente pelo correio. Ainda serão oferecidos para órgãos estaduais ou regionais de controle ambiental, cursos de capacitação de reeditores que deverão apoiar as experiências municipais.

Vale lembrar: a grande repercussão nacional da campanha se deve sobretudo à abordagem social do problema. Percebe-se pela primeira vez tão grande articulação nacional, deixando-se de lado as diferenças para enfrentar de forma definitiva o problema.

Não há tempo a perder. São 50.000 pequenos brasileiros que pedem socorro. Clamam por saúde, educação, moradia e sobretudo amor. Conforme editorial de jornal de circulação nacional sobre o tema: “A existência de uma multidão de meninos buscando a sobrevivência no lixo constitui mau presságio. Sugere que poderá não haver nenhum futuro.”

Para nós sanitaristas que conhecemos o problema, a situação é ainda pior. Não reagir é ser cúmplice dessa realidade, é a declaração de falência ante o desafio da história. É urgente e indispensável o nosso envolvimento. Mãos à obra!

Heliana Kátia Tavares Campos é engenheira sanitária e Gerente do Programa Lixo e Cidadania do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).